

## **CHUVA DE ANJOS**

*Por Felipe de Menezes<sup>1</sup>*

O tradicional palco do Cine Teatro Benedito Alves da Silva recebeu, no dia 8 de setembro de 2022, o Teatro Kaus Cia Experimental, da capital paulista, com o espetáculo *Chuva de Anjos*, que tem dramaturgia do argentino Santiago Serrano, direção de Reginaldo Nascimento, e atuação de Amália Pereira e Vera Monteiro – que, também, assina a tradução do texto.

A dramaturgia propõe uma imagem, à primeira vista, muito simples: duas mulheres se encontram em um espaço público, uma praça, e se colocam a olhar os altos edifícios que as cercam, de onde caem suicidas. A despeito dessa aparente simplicidade, a imagem é carregada de signos, como é recorrente nas obras de Serrano. Aliás, sua formação como psicanalista acende em seus textos inúmeros faróis que viabilizam trazer à cena o humano decomposto de suas estruturas. Serrano em *Chuva de Anjos* constrói suas personagens tal qual um anatomista: esmiúça com interesse e curiosidade uma das problemáticas do mundo pós-moderno, a solidão em meio a um coletivo conhecidamente esfacelado e cansado, a nossa sociedade.

Em chave de aparente absurdidade, o suicídio é a resposta para muitos que não encontram, na vida social, um anteparo para suas angústias claustrofóbicas. Mas, não só. Os que caem não têm voz, não à toa, os conhecemos por meio do olhar (literalmente falando) de duas mulheres, ou melhor, das corpos uterinas, que também são geradoras de vidas. A dramaturgia propõe um jogo de espelhos, no sentido de que, ao final, nem sabemos quem, naquele espaço, está morto: os

---

<sup>1</sup> *Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaima e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).*

sujeitos que caem, as próprias mulheres, ou nós, o público. A vida passa por um fio e até o final da leitura dessa crítica, nove pessoas irão se suicidar.<sup>2</sup> Não há porquês, nem prognósticos, nem soluções no palco. Nele, as metáforas, se lidas com atenção, falam mais dos vivos do que dos que estão na iminência da queda.

A direção do querido e talentosíssimo Reginaldo Nascimento, encenador-pedagogo e pesquisador das teatralidades latino-americanas, sobretudo, das dramaturgias, propicia às atrizes um espaço imenso para suas performances. É como se toda a encenação estivesse a serviço do texto e fizesse “sala” para as atrizes executarem, plenamente, seus trabalhos. Esse é um dos méritos dessa encenação que, também, flerta com o realismo, sem, contudo, se comprometer demasiadamente com ele. E essa, talvez, seja a escolha mais conceitual vinda da direção cênica – que se traduz, também, na luz de Vanderlei Conte e nos belíssimos figurinos de Telumi Hellen. Esse jogo entre o real e a aparência, entre a razão e a desrazão pontua um dos aspectos, como disse, mais interessantes da obra: o jogo de faz de conta, do verossímil, da aparente desimportância. Como tratar de tabus com a responsabilidade artística que o tema merece? Afinal, nem o teatro (enquanto espaço da experiência humana) gosta de falar explicitamente sobre esse tema.

As veteranas Vera Monteiro e Amália Pereira performam o texto de maneira muito brilhante e responsiva com suas técnicas. A parceria é um vislumbre aos nossos olhos e ouvidos, pois o que se vê e ouve, em cena, é um trabalho cuidadoso e meticuloso de construção de personagens e de muita excelência na atuação.

Que o Teatro Kaus Cia Experimental é um filho legítimo de São José dos Campos ninguém duvida. O grupo joseense, de Nascimento, escolheu a capital e por lá desenvolve seu trabalho há mais de duas décadas. Essa não é a primeira incursão do Kaus na dramaturgia de Santiago Serrano. Em 2007, a companhia apresentou a obra *A Revolta*. Pelo grupo já passaram dramaturgias (de língua espanhola) de nomes de peso, como Esteve Soler, Angélica Liddell, Fernando Arrabal, Edilio Peña, Marco Antonio de la Parra, e os brazucas Jorge Andrade e Plínio Marcos. Portanto, um grupo que tem uma cena consolidada na metrópole, um trabalho de excelência em pesquisa no estudo da dramaturgia-aliada e com ações pedagógicas, no campo do teatro, que são notáveis.

---

<sup>2</sup> Em relatório divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), uma pessoa se suicida a cada 40 segundos, no mundo.

O seu tamanho e o de seus trabalhadores fazem do Teatro Kaus Cia Experimental um sujeito histórico da mais alta importância para a cena paulistana, paulista e, quiçá, para o Brasil todo – razão pela qual parablenizo o grupo pela sua história, estabilidade e comprometimento com os nós de agora.